

Editorial

A Revista *Kairós* tem sido, desde seu lançamento, em 1998, um espaço de divulgação das reflexões sobre as questões inerentes ao tema envelhecimento e longevidade humana, surgindo como resultado das pesquisas e práticas profissionais nas diferentes áreas disciplinares, confirmando a complexidade do tema e a perspectiva interdisciplinar a ele inerente.

Como abordar o tema envelhecimento, e a crescente longevidade, de modo unilateral? Qual ciência ou disciplina solitária poderia responder a todas as questões que envolvem a vida humana do nascimento ao inevitável fim? As respostas a essas perguntas são dadas pela *Kairós*, que tem como desafio proporcionar uma visão ampliada sobre o tema envelhecimento. Objetivo que se materializa nesta edição, apresentando artigos que abordam a diversidade e a complementaridade das diferentes áreas científicas apontando para um saber gerontológico inter-relacionado – tecido em rede –, interdisciplinar.

No contexto do mundo globalizado e ante o progresso das ciências que, entre outros fatores, apontam para a crescente longevidade, o sentimento que se impõe é o de perplexidade em face desse “viver muito”, fato desconhecido e nunca vivido pela humanidade.

Essa complexa realidade demanda uma mudança – “um novo olhar” – que considere o indivíduo em sua integralidade, independentemente da faixa etária, ponto inicial do artigo “Questões do envelhecimento nas sociedades contemporâneas” que questiona a categoria

“idade”. O texto tem como objetivo, e com base em dados nacionais e internacionais, analisar os modelos de transição pré e pós-aposentadoria – ou reforma, como utilizado pela autora. Salienta a necessidade de uma perspectiva na qual seja garantido o direito de “envelhecer com dignidade e segurança”, promovendo-se a igualdade de oportunidades “incluindo as pessoas em situação de maior dificuldade” e enfocando de modo especial as “questões da formação e do habitat”.

A mudança de perspectiva ou, segundo alguns autores, de paradigmas a respeito do tema envelhecimento busca, entre outros pontos, uma mudança na formação e na ação dos profissionais da área gerontológica – o humanismo na formação e a humanização nas ações. Mas um conceito tão amplo e, muitas vezes, utilizado sem a devida reflexão crítica não poderia levar a uma simplificação teórica, com reflexos nas práticas?

Essa é a problematização, de extrema relevância, trazida pelo artigo “Sobre humanismo e humanização de cuidados à pessoa idosa”, que enfoca, na perspectiva histórica – da Antiguidade até o período atual pós-industrial – e teórico-crítico, os conceitos de humanismo e de humanização “aplicados aos serviços ofertados à população idosa”.

É nesse período pós-industrial – uma modernidade líquida, fluída de tempos/espacos acelerados – que vivemos e envelhecemos, com suas incríveis mudanças que afetam e trazem inúmeros desafios para todas as sociedades – desenvolvidas, em desenvolvimento ou emergentes.

Desafiadoras, pois líquidas e dinâmicas, as demandas sociais mais urgentes devem ser respondidas de forma criativa e organizada, enfatizando aqui as referentes ao envelhecimento populacional. As questões de formação e moradia, já referidas, se amplificam quando enfocamos as mudanças nas estruturas familiares, suas novas e diferentes formas de organização e, nelas, o lugar do idoso. Esse “lugar” é tanto social amplo, em termos de participação e direitos: o público, como nos grupos familiares: a esfera privada. E a articulação entre o público e o privado é uma das instâncias fundamentais para reflexão, discussão e instrumentalização das práticas gerontológicas.

São essas mudanças na estrutura familiar, e suas conseqüências para o idoso, o tema do artigo “Família e as formas de proteção social primária aos idosos”. Tem como campo de investigação a realidade dos participantes do Programa Terceira Idade em Ação – PTIA/UFPI – que procura explicitar “como se efetivam as contribuições da família para a proteção social dos idosos e desses para com as gerações mais jovens”.

As mudanças sociais e as novas formas de organização familiar romperam a rede de solidariedade mútua – do berço ao túmulo – que existia no seio das famílias, na qual cada pessoa tinha um lugar “evidente demais para ser avaliado, que dirá negociado” e no qual os “saberes-fazer” tradicionais – a cultura do grupo – eram transmitidos, por meio da convivência, aos mais jovens.

Decorrente dessa realidade, tornaram-se freqüente, seja nos estudos acadêmicos, na mídia e também relatados pelos profissionais da área, os casos de desrespeito e os diferentes graus de violência dos familiares contra os idosos.

O artigo “Rompendo com o silêncio: uma breve análise sobre violência familiar contra idosos em São Luís, Maranhão” aborda a questão tendo como base referências bibliográficas confirmadas nos “relatos obtidos junto à Delegacia de Proteção ao Idoso (DPI)” da cidade. A autora discute, nesse âmbito, as questões de “poder e autoridade” geradores da violência envolvendo o idoso e seus familiares.

A violência, como indicam os estudos, apresenta-se como multifatorial e mostra-se nas perspectivas sociofamiliar, estrutural e institucional, demandando ações pessoais, sociais e governamentais.

O fenômeno da violência contra os idosos tem como umas das bases, entre outras, os mitos e preconceitos que envolvem a questão “ser velho”. Sabemos que os discursos sobre o tema são socialmente construídos e ligados à ideologia da sociedade, que aponta um “lugar marginal” àqueles que estão fora do circuito produção-consumo.

Abordando, especificamente, o lugar do velho na sociedade, é feito um nivelamento “por baixo” de suas necessidades, potencialidades e desejos. O velho implicante, queixoso, ultrapassado, esquecido, que

nada tem e nada quer, é a imagem construída nessa perspectiva, tão preconceituosa quanto a outra do “velho-jovem”, esportista, espirituoso, “de bem com a vida”. Qual é a realidade do ser velho hoje?

Para além das definições padronizadas, devemos ouvir a palavra dos velhos e dos profissionais com eles envolvidos, por meio do “olhar interno” a essa complexa realidade, objetivando uma compreensão ampliada e, conseqüentemente, a quebra de preconceitos desvelando as potencialidades dessa fase da vida.

Esse foi um dos objetivos da pesquisa apresentada no artigo “Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras”. Os autores verificaram que, no ambiente universitário, essa revisão de crenças “quebra preconceitos e demonstra que é possível aprender e se desenvolver durante a última etapa do ciclo vital”. O universo da pesquisa foi composto por “68 sujeitos, formado por 47 alunos de graduação, 6 funcionários envolvidos em trabalhos para os mais velhos e 15 coordenadores-professores de programas na área gerontológica”, de três instituições, uma privada e duas públicas. Foi utilizado como instrumento “uma escala diferencial semântica cobrindo os domínios fatorialis agência, cognição, relações sociais e persona em relação à velhice”, e os resultados apresentados pelo estudo são de muito interesse para os pesquisadores e estudiosos em gerontologia, que buscam fundamentação para práticas renovadoras.

As mudanças sociais decorrentes da transição etária em todos os países são evidentes, mas, nos países em desenvolvimento, caso brasileiro, elas se apresentam de forma desigual, sendo que o progresso e seus benefícios não estão distribuídos de modo harmonioso, afetando, diretamente, as populações dos estados e neles as diferentes comunidades, especialmente em suas demandas básicas nas áreas de saúde e educação.

Nesse contexto se insere o artigo “Perfil socioeconômico, nutricional e de saúde dos participantes do curso de cuidadores de idosos do Vale do Jequitinhonha/MG”. Suas autoras abordam, além da necessidade da preparação profissional na área específica do envelhecimento,

“as condições socioeconômicas, de saúde e o estado nutricional dos participantes do Programa para Habilitação de Cuidadores de Idosos no Vale do Jequitinhonha/MG”, buscando contribuir com as diferentes questões que envolvem o envelhecimento populacional e suas especificidades regionais, ampliando e fortalecendo as pesquisas na área.

Considerando a complexidade do processo de envelhecimento no contexto social amplo, respeitando suas especificidades e no contexto individual, verificamos que este não deve ser analisado apenas quanto às marcas etárias e às determinações de uma lei, pois é único. Metaforicamente falando, ele é parte da nossa “impressão digital” – as marcas genéticas e socialmente determinadas e/ou construídas que deixamos no mundo. A sociedade não pode ser encarada como uma abstração, mas na concretude das marcas dos indivíduos que a compõe.

O modo como envelhecemos parece estar ligado ao modo como apreendemos as diferentes realidades vividas, as transformações que delas fazemos e incorporamos como um “estilo” de ser e viver, ao longo da trajetória. E, nesse processo, verificamos que, ao lado das muitas potencialidades e desejos mantidos, surgem as fragilidades e, conseqüentemente, as doenças. Considera-se, atualmente, que um envelhecimento “saudável” e de “boa qualidade” pode ser permeado por essas duas instâncias: potencialidades e fragilidades.

No entanto, existe uma doença que traz em seu nome e anúncio o desconhecido, o medo de uma inevitável “perda de si”, fantasma que assombra pacientes e familiares ao procurar o médico ante os inicialmente pequenos esquecimentos ou lapsos de memória. Sabemos que estes podem ser de diferentes causas: depressão, estresse, uso de medicamentos, entre outras, mas a primeira pergunta é: Será Alzheimer?

A doença de Alzheimer definida como uma patologia “cerebral degenerativa primária e de etiologia desconhecida que acomete potencialmente indivíduos acima de 65 anos de idade” e caracterizada pela deterioração gradual da função intelectual, é o tema dos três próximos artigos.

O primeiro, “A Doença de Alzheimer: controvérsias, velhice e esquecimento na mídia impressa”, aponta a relevância da divulgação

científica de informações amplas sobre esse assunto, ainda “misterioso”, pela mídia impressa, tendo como campo de estudos a cobertura realizada pelo jornal a *Folha de S. Paulo*, no período de 2000 a 2005.

O segundo artigo, “Dilemas bioéticos na assistência prestada ao idoso Portador de demência do Tipo Alzheimer”, como indica seu título, investiga um dos grandes desafios da medicina moderna – as questões éticas. O trabalho relatado teve como objetivo investigar “as tomadas de decisões e condutas adotadas no gerenciamento da atenção prestada ao idoso com Demência do Tipo Alzheimer (DTA) e sua família”, tendo como referência um caso real e as reflexões sobre seus aspectos bioéticos. Essas reflexões e discussões promovidas entre os estudantes de graduação em Gerontologia buscaram ressaltar a relevância desses aspectos na atuação interprofissional e na interlocução com os familiares, objetivando respeitar e preservar a autonomia da paciente.

Finalmente, no artigo “O método Kabat no tratamento fisioterapêutico da doença de Alzheimer”, os autores tiveram como objetivo verificar, por meio de um estudo de natureza descritiva e de evisão bibliográfica, a eficiência e os benefícios do método Kabat em pacientes com DTA, com resultados positivos referentes à funcionalidade e mobilidade do paciente e um retardo na necessidade de um cuidador.

No quadro das doenças que podem fragilizar o idoso, encontra-se a afasia, caracterizada pelas dificuldades de comunicação entre o paciente e seus familiares, tema do artigo “Repercussões psicológicas na relação entre o paciente afásico e seu familiar”. O objetivo foi verificar como o familiar vivencia essas dificuldades de comunicação, observando-se “a influência do tipo de vínculo constituído na qualidade da relação” e a ocorrência do “estreitamento dos laços afetivos”. Ficou constatado, nesse estudo, “sentimentos de angústia pelo não entendimento de sua fala” e o “luto” pela perda ocorrida; outro dado relevante aponta que “conhecimento sobre a afasia, somado à empatia pelo paciente são importantes para sua readaptação”.

Ainda no domínio da comunicação entre humanos, apresentamos o artigo “Agradabilidade da voz de sujeitos idosos professores e não professores”, pesquisa que comparou a agradabilidade e os parâmetros

vocais de 47 sujeitos idosos: 23 professores e 24 não professores. Os interessantes resultados desse estudo apontam novas possibilidades de compreensão dos diferentes “tons” de comunicação entre os indivíduos e suas práticas no processo de envelhecimento.

E, seguindo o mesmo “tom”, temos o artigo “O velho na música popular brasileira”, que apresenta um trabalho para o qual foram selecionadas músicas cujas letras se abrem “para um imaginário criativo e constitutivo de suas origens, como nas bases fundantes da história de vida de quem a compôs”. Letra e melodia expressam a cultura brasileira, nela repercutindo os “significados deixados como marcas das experiências observadas e vividas sobre o velho, a velhice, a visão do processo de envelhecimento [...] em forma de arte projetada”.

A música e outras “artes” traduzidas em sons e palavras trazem em si expressões igualmente individuais e universais. São “pontes” metafóricas de comunicação eu-outro. Por meio delas, buscamos uma forma de comunicação possível – um diálogo – não necessariamente presencial entre autor e ouvinte. Língua e cultura se entrelaçam, se expandem, combinam, reverberam. Reverberar pode ter o sentido de refletir, luz e calor; e repercutir, ondas sonoras, como um eco; e ainda emitir luz, brilhar, resplandecer, luzir.

A reverberação das palavras implica uma relação entre quem fala e quem escuta (ou lê); constrói-se então um (in)visível fio que nos conecta e, simultaneamente, nos angustia. Muito do que se ouve e lê tem latente um segredo, um mistério, um rumor audível, mas que não se pode decifrar – é o universo latente de cada “autor” da vida. Surgem perguntas e, na busca de respostas, novos sentidos.

A relação que se estabelece pode, também, fazer-se plena de sentidos, reverberar e iluminar nosso caminho. Surge uma “sintonia fina” entre as palavras faladas/escritas e ouvidas/lidas e as buscas pessoais de quem as escuta/lê. Essa é a reverberação que pode ser encontrada na obra de uma professora emérita, Ecléa Bosi, no relato “Ecléa Emérita”.

O autor busca a origem latina do termo “emérito” como aquilo que é “merecido”, referindo-se à justa homenagem prestada pelo Instituto de Psicologia da USP “a uma personalidade muito versada na

arte e na ciência que professa”. E aqui vemos que arte é também um adjetivo que se aplica àqueles que ousam, desvelando o autor “como e de que modo ela se distingue”.

Concluir este Editorial com as palavras de Ecléa Bosi,¹ que reverberam, ressoam, iluminam todos os que dela se aproximaram, pessoalmente ou por meio de suas obras, é uma merecida homenagem que também lhe prestamos.

Alma, olho e mão entram em acordo [...] no narrador: é um artesão que torna visível o que está dentro das coisas: – Eu não sabia – diz uma criança a um escultor – que dentro daquele bloco de pedra estava esse cavalo que você tirou.

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiaados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.

Beltrina Côrte

Suzana A. Rocha Medeiros

Vera Brandão

1 Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Edusp, 1987, p. 49.